

Conhecendo sua cidade: experiências de pesquisa- ação que buscaram construir a memória dos bairros populares de Campinas

*Olga Rodrigues de Moraes von Simson**

Resumo

Através da pesquisa-ação e valendo-se da técnica dos relatos orais, uma das possibilidades oferecidas pela metodologia da História Oral, a presente pesquisa possibilitou a reconstrução da memória de bairros populares da cidade de Campinas como a Vila Castelo Branco e o Jardim Campineiro, situado no chamado Complexo São Marcos. Um dos objetivos de tais projetos foi o de permitir às classes populares o direito à memória, uma possibilidade geralmente só aberta às classes dominantes da nossa sociedade. Na primeira experiência que reuniu os idosos e os jovens que freqüentam uma ONG - Progen, que há 25 anos atua na região da Vila Castelo Branco, além da reconstituição da história do bairro, também foi possível através de uma oficina de jornalismo que os jovens experimentassem produzir um jornal local, por eles denominado Conexão Jovem que tinha por objetivo divulgar as notícias da região, geralmente ignoradas pela grande imprensa. Para elaborar as matérias jornalísticas os jovens entrevistaram os moradores mais idosos. Dessa forma houve uma sadia aproximação entre as gerações vivendo na região e o surgimento de admiração e respeito mútuo. No outro caso do Jardim Campineiro, região das mais pobres e violentas da cidade, o trabalho se realizou tendo por base o Centro Cultural mantido

* Professora-colaboradora do Decise/Unicamp. Pesquisadora do Centro de Memória/Cocen-Unicamp.

pela prefeitura e nesse espaço pudemos ouvir relatos dos moradores mais idosos e também dos jovens, constituindo assim o primeiro e talvez único registro do surgimento do bairro e das lutas para sobreviver nessa região, tão pouco valorizada da cidade.

Palavras-chave: direito à memória, bairros populares, Campinas, ONG-Progen, educação não formal, jornal comunitário

Knowing your city: experiences of action-research that sought to build the memory of working-class neighborhoods in Campinas

Abstract

Through action-research and through the technique of oral report – one of the possibilities offered by the methodology of Oral History – the present research allowed the reconstruction of the memory of working-class neighborhoods of Campinas, such as Vila Castelo Branco and Jardim Campineiro, located in the Saint Mark Complex. One of the objectives of these projects was to warrant the working-class its right to memory, a possibility usually open only to the higher classes of our society. In the first experience, the elderly and the young people who attend Progen, an NGO that has been working in the area of Vila Castelo Branco for the last 25 years, were gathered. Besides reconstructing the neighborhood's history it was also possible for the youth to produce a local newspaper, through a journalism workshop, which they called Young Connection, whose objective was to spread news of the area, which is usually ignored by the great media. To write the news stories, the youth interviewed the older residents, thus creating a healthy approach between generations living in the area and the emergence of mutual admiration and respect. In the case of Jardim Campineiro, one of the poorest and most violent areas in town, the work occurred in the Cultural Center kept by the city hall and in that space we could hear stories from older and young residents. This was the first and perhaps the only record of the neighborhood's history and the struggles to survive in this so undervalued area of the city.

Keywords: The right to memory – working-class neighborhoods – Campinas – NGO Progen – non-formal education – community newspaper.

Conociendo tu ciudad: experiencias de investigación-acción que buscaron construir la memoria de los barrios populares de Campinas

Resumen

A través de la investigación-acción y con el uso de la técnica de historias orales, una de las posibilidades que ofrece la metodología de la historia oral, esta investigación permitió la reconstrucción de la memoria de barrios populares de la ciudad de Campinas, como Vila Castelo Branco y el Jardín Campineiro, ubicado en el llamado Complejo de San Marcos. Uno de los objetivos de estos proyectos fue el de permitir a las clases populares el derecho a la memoria, una posibilidad generalmente abierta solamente a las clases dominantes de nuestra sociedad. La primera experiencia reunió a las personas mayores y jóvenes que asisten a Progen, una ONG que trabaja desde hace 25 años en la región de Vila Castelo Branco. Además de la reconstrucción de la historia del barrio, los jóvenes pudieron también experimentar en un taller de periodismo la producción de un periódico local a que llamaron Conexión Juventud. Su objetivo fue difundir noticias de la región, generalmente ignoradas por los medios de comunicación. Para redactar las materias periodísticas los jóvenes entrevistaron a los residentes mayores. De este modo hubo una sana aproximación entre las generaciones que viven en la región y surgió la admiración y el respeto mutuo. En el caso del Jardín Campineiro, una región de las más pobres y violentas de la ciudad, el trabajo se realizó con base en el Centro Cultural mantenido por la alcaldía. En ese espacio pudimos oír historias tanto de los residentes mayores como de los jóvenes, lo que constituye el primer y quizás único registro de la aparición del barrio y de las luchas por sobrevivir en esta región, tan poco valorada en la ciudad.

Palabras clave: Derecho a la memoria – barrios populares – Campinas – ONG-Progen – educación no formal – periódico comunitario.

Durante os anos 90 do século passado e os primeiros dois anos do presente milênio, uma equipe interdisciplinar de pesqui-

sadores do Centro de Memória da Unicamp buscou construir, de maneira compartilhada, conhecimentos sobre a história do tempo presente de algumas regiões pouco estudadas da cidade, por meio de uma pesquisa que envolvesse jovens vivendo em bairros populares. O projeto se intitulou: “Memória, qualidade de vida e cidadania: história dos bairros populares de Campinas” e contou com financiamento do CNPq¹.

Os adolescentes foram formados como jovens pesquisadores para reconstruir a trajetória de formação do bairro onde habitavam por meio da coleta, organização e análise de memórias de familiares e de vizinhos, utilizando a metodologia da história oral associada à análise de fotografias antigas. As imagens foram coletadas durante a realização de depoimentos orais, colhidos pelos próprios adolescentes, junto a familiares e vizinhos e se referiam a espaços da cidade, festas familiares, lutas por asfalto, transporte público e equipamentos básicos de saúde nas quais estavam envolvidas, principalmente, as mulheres. Elas foram as personagens mais importantes nesta luta por melhor qualidade de vida, porque, trabalhando como domésticas ou diaristas, eram donas de suas próprias agendas, podendo comparecer a manifestações de rua, audiências com vereadores ou ainda pressionando órgãos públicos ou até mesmo o prefeito para conseguir água, luz, serviços de saúde, creches e escolas para seus filhos.

Os adolescentes, com idades que variavam entre 10 e 14 anos, receberam o convite para participarem de oficinas de educação não formal, organizadas de maneira integrada pelos pesquisadores do CMU, que atuaram como “oficineiros”, dentro de uma proposta de educação não formal. As oficinas abordaram os seguintes temas: Criatividade, Fotografia, História Oral e

¹ Participaram dos vários projetos sobre os bairros de Campinas, exemplos de pesquisa, os seguintes colegas, a quem agradeço a disponibilidade, o companheirismo e a dedicação que precisam permear o desenvolvimento de uma pesquisa-ação: Profa. Dra. Maria Lúcia Rangel Ricci, Profa. Dra. Irene Barboza, Prof. Dr. Amarildo Carnicel, Prof. Dr. Jaime L. Pacheco, Profa. Dra. Zula Garcia Giglio, Profa. Dra. Maria Elena Bernardes, Mestre Lúcia Secotti, além de técnicos do CMU e alunos de pós-graduação e graduação que permitiram uma aproximação mais profunda com os adolescentes participantes das oficinas nas ONGs e centros culturais.

Jornalismo Comunitário, sendo esta última a que deu significado a todo o projeto.

Dependendo da região da cidade onde o trabalho foi desenvolvido, as oficinas puderam se realizar graças às parcerias estabelecidas entre o Centro de Memória e uma instituição local, por isso elas foram realizadas em espaços tão diversos quanto: salão paroquial, ONGs² ou centros culturais. Para exemplificar a maneira como trabalhamos, vamos tomar a região da Vila Castelo Branco, situada às margens da Via Anhanguera, uma rodovia que corta Campinas em demanda ao interior do estado. Junto a essa estrada, muitas indústrias se estabeleceram a partir do final da década de 1950, provocando o surgimento de bairros populares que abrigaram a mão-de-obra necessária ao desenvolvimento do trabalho industrial.

A Vila Castelo Branco resultou de um projeto do governo militar, realizado em parceria com a Prefeitura de Campinas, como uma espécie de protótipo de projetos de financiamento de casas populares pelo BNH. Isso fica claro até no nome do bairro, que foi trocado em homenagem ao general que exercia a presidência no período, numa imposição aos moradores que, até hoje não o aceitam, referindo-se sempre ao seu local de moradia como Vila Bela.

Os bairros populares da cidade sempre foram tratados de maneira preconceituosa pela população das classes média e alta da cidade, atitude que se refletia na maneira como a grande imprensa focalizava os acontecimentos envolvendo a região. Nos jornais mais importantes de Campinas, bairros como a Vila Castelo Branco só eram mencionados quando a violência, muito comum em zonas periféricas, assolava a região, fato que contribuía para o desenvolvimento de baixa auto-estima entre seus moradores.

Na primeira fase da oficina de jornalismo, os adolescentes fizeram um exame de alguns exemplares dos grandes jornais da cidade, em busca de notícias sobre a região onde residem. A

² Na Vila Castelo Branco trabalhamos com os adolescentes em oficinas desenvolvidas na ONG Projeto Gente Nova (Progen) situada à rua Castelnuovo, 699, CEP: 13061-060 - Campinas/SP. CNPJ: 54.129.002/0001-04. E-mail: progen@feac.org.br.

análise deixou claro para os jovens esse tratamento desigual por parte da imprensa local. Em seguida sugeriu-se que buscassem, nesses mesmos jornais, notícias sobre as realizações positivas da população ou do poder público na Vila Castelo Branco. O resultado foi uma completa ausência de matérias com esse teor.

Essa constatação empírica serviu para motivá-los a produzir um jornal que mostrasse seu bairro e outros da vizinhança sob um enfoque diferente, salientando as lutas dos moradores locais por uma melhor qualidade de vida, divulgando os vultos importantes da comunidade, como o caminhoneiro/poeta ou o artista plástico que, residindo no bairro, é não só reconhecido pela qualidade de suas obras, mas atua também como dirigente da escola de samba e ministra oficinas de artes plásticas para os adolescentes na ONG. Tal veículo de comunicação, além de realizar uma divulgação positiva da Vila Castelo Branco, serviu como elemento de integração social, estimulando sentimentos de cidadania ao promover debates enfocando as questões locais que mereciam maior atenção das autoridades e incentivando, assim, a mobilização da comunidade que lhe deu origem.

Desse impulso nasceu o Conexão Jovem, jornal comunitário assim denominado pelos próprios adolescentes. Sob a coordenação do professor de jornalismo da PUCCAMP e pesquisador do CMU, Amarildo Carnicel, secundado por estagiários das duas universidades, o Conexão Jovem passou a circular pelos locais mais frequentados do bairro, como o Centro de Saúde, o supermercado, as ONGs ou os centros culturais locais, trazendo em suas quatro páginas entrevistas, reportagens, notícias da região, crítica cinematográfica, poesias e algumas propagandas de casas comerciais e de serviços locais.

Vale ressaltar que cada adolescente escolheu realizar a tarefa que mais o seduzia na elaboração do jornal comunitário e as outras oficinas oferecidas na ONG possibilitavam o desenvolvimento de seus talentos para o desenho, a arte da poesia, a elaboração de crônicas, fotografia, pesquisa do passado recente via oralidade, o exercício da crítica cinematográfica, tudo convergindo para a elaboração de um jornal comunitário de alto nível. Até a busca de patrocinadores foi realizada por aqueles

que demonstravam maior tino comercial. Para tanto, os jovens receberam um crachá que os identificava como membros da equipe do jornal, uma forma de possibilitar a compreensão, por parte dos adolescentes, de que não basta apenas o ideal ou o desejo de levar adiante um projeto, é preciso cuidar da obtenção dos meios concretos para sua realização.

O sucesso dessa experiência foi tão grande que o *Conexão Jovem* teve uma vida muito mais longa do que previram seus criadores, tendo obtido apoios os mais variados para que continuasse em sua tarefa de informar, reunir esforços locais, promover pessoas e grupos e formar futuros comunicadores. Tendo alcançado mais de vinte edições nas quais muito da memória mais recente da região foi divulgada e vários vultos locais foram retratados, o jornal tornou-se um estímulo para o bom relacionamento entre as várias gerações da Vila Castelo Branco, pois os jovens repórteres, depois das reuniões de pauta que definiam os temas da próxima edição, iam buscar junto aos idosos do bairro as informações que lhes permitissem escrever sobre as origens e as várias fases de desenvolvimento de seu local de moradia. Ouviam atentamente as histórias que os membros da “velha-guarda” local tinham a relatar, cuidavam de fotografá-los e aos locais que indicavam, com carinho e atenção, produzindo assim matérias que mostravam o valor dos ensinamentos de quem já viveu muito.

Dessa forma, os mais velhos e aposentados, que já não se sentiam muito valorizados pela própria família e pelos vizinhos, passaram a ser reconhecidos pelos moradores locais como figuras relevantes na memória do bairro, gozando assim de um prestígio inesperado, graças às matérias veiculadas pelo *Conexão Jovem*. Como consequência, a visão que tinham da juventude local foi se transformando, pois perceberam que, pelo menos alguns dos adolescentes, vinham realizando um trabalho louvável ao recuperar a trajetória de luta que marcou a instalação das famílias pioneiras na Vila Bela.

Por outro lado, os adolescentes envolvidos na proposta jornalística passaram a enxergar na geração mais idosa uma fonte confiável e interessante para a elaboração de matérias para

o Conexão Jovem e, ao escutá-los, surpreendiam-se com suas narrativas que recuperavam os esforços por eles empreendidos para conseguir das autoridades a infraestrutura urbana que hoje lhes permite gozar uma boa qualidade de vida na região.

Assim, as relações entre as gerações ganharam outro patamar de respeito e admiração mútuos. Tal fato ficou patente quando uma aluna do curso de Gerontologia, que também atua há anos como assistente social na região e conhecia as relações um tanto conflituosas entre os grupos etários da Castelo Branco, ao visitar uma das idosas da Vila para colher sua história de vida, surpreendeu-se quando a velha senhora orgulhosamente lhe mostrou um exemplar do Conexão Jovem, no qual ela aparecia como uma das pessoas entrevistadas no processo de reconstrução de aspectos do passado local e elogiou o trabalho que os jovens vinham realizando com esse veículo de jornalismo comunitário.

A partir de iniciativas como esta, de reconhecimento da importância dos mais velhos na vida do bairro, grupos de oração, discussão, artesanato, passaram a reunir os idosos na Igreja/Santuário que marca a arquitetura do bairro ou na ONG Progen ou na Casa de Cultura Tainã, tornando a vida das mulheres e de alguns poucos homens muito mais interessante.

Mais recentemente, uma pesquisadora do curso de Gerontologia, que é também fotógrafa, ofereceu na ONG uma oficina de fotografia para as mulheres mais velhas da comunidade. Elas queriam aprender a lidar com as máquinas fotográficas que existiam em suas casas e das quais, temerosas, nunca haviam se aproximado. Queriam dominar a técnica para retratar o bairro, a cidade e os momentos memoráveis da fase final de suas vidas. Ao terminar o ciclo de oficinas, foram visitar o Museu da Imagem e do Som e o Centro de Memória da Unicamp, por sugestão da “oficineira”, mas não se contentaram com essas duas visitas e solicitaram pelo menos uma passagem pelo Mercado Municipal da cidade, uma construção do início do século passado, de arquitetura mourisca e que havia marcado suas vidas na infância e juventude. Ali fotografaram detalhes curiosos e inusitados e com alegria e entusiasmo se apoderaram de espaços que lhes traziam alegres recordações.

Para dividir com as crianças e os adolescentes da ONG o resultado de suas incursões fotográficas, elas prepararam painéis cuidadosamente decorados com flores de fuxico, na forma de casas porque, afirmaram elas, foi em busca de moradias próprias que “viemos para a Vila Bela e aqui construímos nossas vidas.”

Outra fase da pesquisa focalizou uma região mais pobre da cidade: o bairro Jardim Campineiro, localizado no Complexo São Marcos, um espaço formado por ocupações que margeiam a Rodovia D. Pedro, já nos limites do distrito de Barão Geraldo. Buscando também reconstruir a memória da formação do bairro, localizamos seus primeiros moradores e colhemos na oficina de História Oral, juntamente com os adolescentes de um projeto social desenvolvido pela prefeitura na região, as histórias de vida dos moradores mais antigos.

Formado o círculo de cerca de quinze adolescentes sentados em roda, tendo Dona Efigênia, uma senhora mineira com mais de 70 anos, como nossa entrevistada, começamos, via história oral, a colher e registrar a história de vida da matriarca do Jardim Campineiro. Essa velha dama, com dignidade, sinceridade e transparência, compreendeu os objetivos da nossa pesquisa e nos relatou todas as dificuldades que havia enfrentado em sua chegada e instalação na região. Relatou que tendo comprado seu terreno, com os poucos meios que trouxe da terra de origem e construído, pelo sistema de autoconstrução, com marido e filhos, a casinha que abrigou sua família, a maior dificuldade que tiveram de enfrentar foi o fato de o marido, agricultor e já homem de mais de 40 anos, não encontrar um ofício na cidade por desconhecer as exigências do trabalho urbano. Ele fazia algum trabalho de capinagem, de quando em quando e, até conseguir comprar uma carroça para realizar pequenos carretos, a família passou muitas carências, por vezes enfrentando a fome.

Só conseguiram sobreviver nessa fase inicial, porque uma vizinha, que tinha uma criação de cabras bem ao lado da casa de Dona Efigênia, trazia todas as noites um grande caldeirão de sopa para alimentar todo o grupo, com a desculpa de que eram sobras da última refeição de sua própria família. Dona Efigênia dizia que sabia muito bem que ela havia preparado o tal sopão

especialmente para eles, porque, sabendo que seus vizinhos estavam se alimentando apenas de pão velho e café adoçado com rapadura, era a sopa noturna a única refeição “com sustância” que consumiam todos os dias.

Ao usar de tanta sinceridade em seus relatos, foi como se Dona Efigênia tivesse aberto uma caixa de Pandora, permitindo que os adolescentes compartilhassem conosco suas próprias carências alimentares, vividas na contemporaneidade. Em tom de brincadeira, um dos mais ousados do grupo perguntou aos pesquisadores se já havíamos comido piramboia. Ante nossa total ignorância, relatou que na época que precede as grandes chuvas de verão, a Prefeitura manda um trator para limpar o leito do riacho que corta o bairro, no intuito de prevenir maiores problemas de alagamento na região.

Depois da passagem do trator, que alargava o leito do riacho, ficavam à mostra nos barrancos do riozinho os buracos onde se escondiam as piramboias, um peixe longilíneo, semelhante a uma enguia. Descreveu a seguir a técnica que haviam desenvolvido para capturar o peixe. Era necessário esfregar areia em ambas as palmas das mãos para, enfiando uma delas no buraco, puxar para fora o desejado peixe que, depois de bem lavado e cortado em tiras, era frito em óleo quente e se transformava numa gostosa iguaria para os adolescentes em fase de rápido crescimento e sofrendo de séria carência de proteínas em sua alimentação cotidiana.

Depois desse relato, outro jovem se recorda de uma iguaria sazonal de que desfrutavam na região e nos pergunta se alguma vez já havíamos comido içá frita. Contei a eles, então, que já havia lido sobre esse petisco em relatos da época colonial, que diziam que as escravas de ganho, na São Paulo dos seiscentos e setecentos, vendiam no final de setembro e início de outubro (o tempo das içás) uma iguaria muito apreciada pelos moradores da então pequena cidade de São Paulo: a içá-frita. Era uma forma de utilização alimentar desses grandes insetos, que elas haviam aprendido com os indígenas, os quais, escravizados pelo bandeirantismo, habitavam a cidade daquele tempo.

Nossos jovens do Jardim Campineiro nos relataram, então, que desde a sua infância costumavam buscar peneiras e pedaços

de gaze ou filó para capturar, nos campos que circundavam o bairro, uma grande quantidade de içás, na época de revoada, em plena primavera, período de acasalamento. Depois de encher baldes de formigas, era necessário tirar suas cabeças e patas para fritá-las em óleo bem quente e comê-las, depois de salgadas.

Nessas descrições veiculadas com certo cunho jocoso, como que brincando com os pesquisadores por não conhecermos as iguarias locais, ficou explícito o desenvolvimento de estratégias, só possíveis de serem realizadas em regiões ainda periféricas da cidade, onde o limite entre o urbano e o rural se faz presente, permitindo a recriação de costumes muito antigos na busca conteúdos protéicos, pela exploração dos recursos naturais ainda presentes no local, uma tática de complementação da dieta alimentar muito pobre das crianças e jovens do Jardim Campineiro.

Os exemplos aqui relatados nos permitem afirmar que, por meio destas pesquisas interdisciplinares, realizadas com a metodologia da pesquisa-ação e com a técnica dos relatos orais, estamos não só construindo conhecimentos novos sobre a vida das populações menos privilegiadas da cidade como também, dando a elas o direito ao registro, manutenção e divulgação de sua memória, um dos objetivos mais importantes do Centro de Memória da Unicamp, centro que, abrigando equipes multidisciplinares de pesquisadores, interessados em conhecer em profundidade a vida das classes populares de Campinas, permite fornecer a tais moradores da cidade um direito inalienável de todo cidadão, que é o de reconstruir e registrar a memória de suas lutas sociais na busca por uma melhor qualidade de vida.

Referências

Memória, Qualidade de Vida e Cidadania: História dos Bairros Populares de Campinas. Relatórios parcial e final, impressos, encadernados e depositados na Biblioteca do Centro de Memória da Unicamp e acessíveis à consulta.

BERNARDES, M. E. Migração e memória: Campinas, uma cidade acolhedora? **Sinpro Cultura**. Ano XIII, n. 69, junho 2008, p. 25-27, .

VON SIMSON, O. R. M. As múltiplas faces da migração para a região de Campinas. **Sinpro Cultura**, Ano XIII, no. 69, junho 2008, p. 6-8.

_____. O direito à memória familiar: história oral e educação não formal na

periferia das grandes cidades. **Comciência**, Revista Eletrônica de Jornalismo Científico LABJOR/SBPC. n. 52 - Dossiê Memória, 2004. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/10.shtml>. Acesso em: 30/11/2011.